



Musicologia: centro e periferia no sistema mundo^{*}

*Régis Duprat^{**}
Maria Alice Volpe^{***}*

Resumo

Discute a diversidade na musicologia etnohistórica latino-americana e as ações de cooperação entre a comunidade de pesquisadores, visando especialmente as políticas científicas e as políticas institucionais, à luz da macrosociologia histórica e da socioantropologia.

Palavras-chave

Musicologia – política científica – política institucional – sociologia do conhecimento – etnohistória.

Abstract

Discusses the diversity in Latin American ethnohistorical musicology and actions of cooperation between the research community, especially aiming at the scientific and institutional policies in the light of historical macrosociology and socio-anthropology.

Keywords

Musicology – scientific policy – institutional policy – sociology of knowledge – ethnohistory.

* Versão atualizada do trabalho apresentado no I Congresso da Associação Regional para a América Latina e o Caribe da Sociedade Internacional de Musicologia, ARLAC-IMS, Cuba, Havana, 17 a 21 de março 2014, sob a temática “Latinoamérica y el canon”. Ver http://www.arlac-ims.com/?page_id=141.

** Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Endereço eletrônico: dupratre@gmail.com.

*** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: volpe@musica.ufrj.br.



A eleição do temário “América Latina e cânone” proposto pelo primeiro Congresso da ARLAC-IMS se formaliza num momento especialmente crítico para os países latino-americanos. Diante de um mundo globalizado em crise, o relativo isolamento que ainda persiste entre os países da América Latina, especialmente entre os de fala hispânica e o de fala portuguesa, deve ter um fim. A nossa força de expansão individual e regional coletiva de nações e culturas está na cooperação, no intercâmbio estreito entre nossos países que, por sua identidade de problemas, de cultura, formação e tradição, já apresentam os requisitos fundamentais para a sensibilidade recíproca de suas economias e culturas. No que tange à nossa área de Música/ Musicologia, urge medidas pragmáticas e objetivas que deem prioridade às ações de articulação estreita com as entidades de pesquisa e similares em toda a comunidade hispano-portuguesa do mundo. O diálogo que eventualmente emergirá de uma consolidação da articulação entre a América Latina e Portugal/ Espanha poderá irradiar-se para os demais países ou comunidades de língua espanhola e portuguesa em outros continentes.

Do contrário, a nossa cultura musical permanecerá ignorada e distante dos grandes centros de decisão e de nós mesmos, porque onde reina a dispersão não se consegue constituir quaisquer valores que possam orientar nossa trajetória, que deve cada vez mais convergir diante da necessidade de reconfiguração do sistema-mundo. Identificar e discutir sobre os valores que norteiam a cultura, a música e a pesquisa nessas áreas estaria no cerne do temário proposto por este Congresso.

ANTECEDENTES GEOPOLÍTICOS E TRADIÇÕES ETNO-SÓCIO-HISTÓRICAS DA AMÉRICA LATINA

Cabe esclarecer que não trataremos aqui da defesa de posturas festivas e bombásticas de patriotismo regional. Estamos imbuídos da convicção de que nossos povos devem se unir em torno de sistemas simples e viáveis de cooperação e política cultural integrada que some esforços e não que nos divida mais do que a nossa extensão geográfica e geopolítica possa nos separar. E assim procedemos com perspectivas realistas de intercomunicação e desenvolvimento regional integrado especificamente na área de Música/ Musicologia Etnohistórica. Extremamente oportunos para o posicionamento aqui defendido são os trabalhos de Miguel Vale de Almeida (2007, p. 27-43) do ISCTE-Lisboa, sobre as implicações antropológicas do pós-colonialismo e a lusofonia; assim como os textos de Omar Ribeiro Thomaz (2002) da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, sobre os países africanos de língua oficial portuguesa.

A par de duas línguas gerais, o quéchua e o tupi-guarani, veio somar-se um idioma ibero também geral, mas latino e ao qual queremos *ad hoc* denominar: o idioma hispano-português, pela familiaridade de suas características linguísticas que



não deixam de constituir um conjunto que viabiliza uma fisionomia quase-dialetal, segundo os especialistas, em vários idiomas não tupis já classificados ou a classificar, entre os indígenas do Brasil e países limítrofes da América Latina.

O Brasil, nos primórdios da colonização, utilizou abundantemente o idioma castelhano na sua vida social, cultural e administrativa; razão por que considerável parcela dos papéis administrativos do nosso período colonial encontra-se hoje, grafado, como nas origens, no idioma castelhano. Especialmente no período de 1580 a 1640, em que ocorreu a união da realeza castelhana e portuguesa anterior à restauração desta última por feitos dos duques de Bragança. Esses fatos históricos condicionaram a comunidade do idioma e dos costumes e o dia a dia de nossos povos se mesclou gradativamente, com a língua geral já falada, de então, o tupi-guarani, pelo menos na vertente oriental dos Andes. Hoje somos todos, povos soberanos; mas na nossa autonomia e em nossas individualidades nos curvamos diante da diversidade da natureza e da cultura, cômicos de que dessa diversidade emanam os princípios da multiplicidade, da mobilidade e da versatilidade.

A DIVERSIDADE NA MUSICOLOGIA ETNO-HISTÓRICA LATINO-AMERICANA

A diversidade na Musicologia Etno-histórica latino-americana oferece um duplo desafio. Por um lado, a diversidade cultural que nos caracteriza e caracterizou como fator de aprofundamento da compreensão de cada uma de nossas culturas no conjunto de igualdades e diversidades de toda a América Latina; sobre a acentuação de nossas igualdades e anseios contemporâneos, relativos à troca, intercâmbio e cooperação, enriquecedores das nossas identidades, realidades e realizações. Por outro lado, articular um conjunto de ações que venha a nos resituar enquanto bloco latino-americano, ou ibero-americano, no contexto global da produção do conhecimento para que nossas pesquisas possam ultrapassar as barreiras linguísticas intra e intercontinentais e assumir o devido lugar na comunidade internacional. Trata-se, portanto, de assumir o poder do conhecimento que nossas pesquisas têm gerado e fazê-lo valer nos processos institucionais de legitimação da produção e disseminação do conhecimento. Estamos falando, portanto, de política internacional e, mais ainda, de nossa capacidade de contribuir para uma reconfiguração do sistema-mundo.

A SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO MUSICOLÓGICO

Há cerca de dez anos Mário Vieira de Carvalho (1999, p. 13), o grande musicólogo português contemporâneo, nosso confrade, para nossa geral satisfação, prefaciava seu livro sobre *Razão e Sentimento na Comunicação Musical*, no qual defendia que a Sociologia da Música devesse começar por uma Sociologia do Conhecimento Musicológico, cujo contexto reflete perspectivas histórico-sociais e ideologias; e o fazia em sintonia com o sociólogo norte-americano Immanuel Wallerstein, então



presidente da Associação Internacional de Sociologia, hoje na Universidade de Yale, e um dos expoentes da chamada Macrossociologia. Wallerstein, como discípulo do grande historiador Fernand Braudel, incorpora transdisciplinarmente a contribuição da Economia e da Econometria, da Geopolítica e da História, e as diversas tendências sociológicas e filosóficas que cabe considerar hoje quando nos concentramos no estudo da trajetória musical de nossos povos. É na convicção dessas preocupações que me animo a apresentar o que segue aos participantes deste Encontro sobre a Musicologia na América Latina.

A MACROSSOCIOLOGIA HISTÓRICA NORTE-AMERICANA

Uma das seções da Associação Americana de Sociologia denomina-se Economia Política dos Sistemas-Mundo (PEWS); dentre os seus sociólogos, no campo denominado Macrossociologia histórica, destaca-se Immanuel Wallerstein, da Universidade de Yale. Essa corrente de estudos vem criticando os conceitos de globalização e pós-modernidade, apostando em que ambos estão em gradual e inapelável desaparecimento. Essa Macrossociologia histórica resulta de uma interdisciplinaridade entre as duas ciências humanas (a Sociologia e a História) e a Economia. De fato, com os últimos acontecimentos da crise mundial do capitalismo, esses conceitos voltados para a globalização estão em franco processo de envelhecimento e não têm sequer inspirado as mais modernas e recentes interpretações de toda essa crise que, segundo Wallerstein, é estrutural e terminal do capitalismo histórico. Dessa forma a globalização não teria passado de uma tentativa de reajuste do capital financeiro (Arrighi, 2000) patrocinado pelo agenciamento governamental americano. No momento em que as corporações multinacionais se encontram combalidas com a crise econômica mundial e os Estados-Nações se impõem novamente como unidades econômicas com poder econômico de decisão e mesmo de capacidade de contornar os graves problemas enfrentados, enfraquece-se ainda mais a expansão do sistema de corporações multinacionais.

Segundo tais autores, esse panorama interpretativo já se esboçava desde a década de 1990, época em que se definem os questionamentos das designações pós-modernidade e globalização. É como se os últimos acontecimentos da crise confirmassem a verdade das críticas formuladas desde então (Harvey, 1995). Os fatos ocorrentes vêm mostrando que as forças da integração global parecem não ter retirado todo o poder dos estados-nações (Arrighi, 2000).

Recentemente entrevistado por uma emissora televisiva do Rio de Janeiro (Canclini: "Pela globalização da diversidade" para Gabriel Priolli, da TV PUC do Rio, na 4ª Cúpula de Mídia para Crianças e Adolescentes) o antropólogo Nestor Garcia Canclini propõe uma estratégia de ação conjunta que reconheça uma América Latina múltipla, diversificada, que penso ser oportuna e necessária também para a nossa área:



Hoje, a América Latina é definida como um espaço sociocultural compartilhado, onde convivem centenas de identidades. É importante reconhecer a América Latina como um espaço dividido, com interesses distintos e duas línguas principais, que podem tomar posições muito mais ativas e responsáveis para defender sua diversidade. O continente europeu, que tem muito mais línguas do que nós, consegue manter ações conjuntas no campo do comércio internacional, respeitando a diversidade da região. No nosso caso, teríamos que considerar também as línguas minoritárias, como as indígenas, e os sotaques regionais, e não eliminá-los. A MTV tem sido versátil para reconhecer essas diferenças, colocando locutores com o sotaque de cada país. Para ele, a saída para a América Latina é a globalização das diversas identidades do continente. Segundo Canclini. A América Latina já está globalizada, porém de modo desigual. Apenas 15% dos quadros científicos, políticos, mediáticos, técnicos, estão realmente globalizados. Seria importante democratizar essa globalização, fazendo com que a maior parte da população amplie a sua cidadania e a globalize. A saída para a América Latina é a globalização das diversas identidades do continente.

Dentre os grandes pesquisadores da sociologia da comunicação na América Latina, Nestor Garcia Canclini tem em suas mais recentes publicações e pronunciamentos (Canclini, 2007) adjetivado a expressão globalização quando fala da necessidade da “globalização da diversidade”, por uma “América Latina múltipla”; à procura de um lugar neste século XXI, num mundo em cujas regras não são mais os movimentos migratórios os fatores preponderantes, mas a mistura das mídias. Aliás, trata-se de uma adjetivação que nos parece presente no próprio título de um dos mais recentes trabalhos publicados por Immanuel Wallerstein, e agora traduzido para o português: *O Universalismo Europeu: a retórica do poder*. Nesse texto, o sociólogo norte-americano, para o qual o capitalismo histórico “está a chegar ao fim”, comenta: “A luta entre o universalismo europeu e o universalismo universal é a luta central do mundo contemporâneo e o resultado será fator importantíssimo para determinar como será estruturado o sistema-mundo futuro...” (Wallerstein, 2007, p. 27).

Em conferência que proferiu em Porto Alegre recentemente, Wallerstein aposta em que o mundo tende a assumir uma configuração multipolar. Para ele o Mercosul pode vir a tornar-se um dos polos do sistema. Penso que a nossa proposta sobre a Musicologia Etnohistórica poderá gozar dessa mesma possibilidade; com a vantagem de conceber nossa unidade ampliada, com base na incorporação cultural e linguística de toda a comunidade hispano-portuguesa mundial.



O QUE FAZER PELA MUSICOLOGIA ETNOHISTÓRICA LATINO-AMERICANA

Diante dessa realidade aqui esboçada, de consequências incontestes, situa-se o arcabouço musical-musicológico das nossas culturas e tradições comuns; e diante do panorama que se descortina com a crise mundial do capitalismo histórico, cabe proceder a uma exortação para o trabalho conjunto envolvendo as atividades musicológicas integradas na abrangência dos países e culturas de fala hispano-portuguesa. E aprofundar nossas reflexões sobre as implicações macro-sociológico-históricas para as instituições, entidades e culturas musicais-musicológicas da América Latina, e/ou em realidades mais amplas.

Essas premissas justificam sobejamente uma convocação geral pela implantação integrada de formas de organização, informação, comunicação e estímulos para a pesquisa em Musicologia Etnohistórica entre os países lusófonos e de fala hispânica, não apenas da América Latina como também dos demais continentes representantes de Portugal e Espanha, África e Ásia. Fazemo-lo em sintonia com as ações internacionais entre as nossas culturas, no sentido de uma unificação sistemática e pragmática para uma viabilização da comunicação entre nossos povos; objetivo hoje fundamental para a sobrevivência de nossas atividades específicas no campo da música/musicologia. O tempo se incumbirá, certamente, de patrocinar os necessários ajustes dos acordos consumados, já que não são óbvios os acertos envolvendo múltiplos fatores culturais de culturas multacentenárias.

O sistema-mundo capitalista tem situado a península ibérica, juntamente com toda a América Latina, em posição periférica relativamente aos países centrais do sistema. Cultural e historicamente a nossa vocação é pan-ibérica.

Essa condição discriminatória levou ao que Mário de Andrade, no ensaio de 1939, chamou de “civilização de empréstimo” e hoje consiste num equacionamento que J.F. Lyotard chamava em 1979 de pós-modernidade, e para o qual a revolução da informática conferia a essência do fenômeno pós-moderno. Hoje nós, na América Latina, temos que conviver com a condição pós-moderna. Para nós ela tem sido demasiadamente (esperamos que não inevitavelmente) a condição da desigualdade, do simulacro, da violência, do *gap*. Da desigualdade da produção, consumo e controle da informação, da má distribuição das riquezas universais; do simulacro do desenvolvimento, e da violência da pobreza, do autoritarismo e da arbitrariedade.

Os países pobres da América Latina não podem usufruir de uma boa organização da produção da vida musical (composição, orquestras, conjuntos, intérpretes); de um processamento da riqueza musical universal ou local; de uma boa disseminação, ou distribuição da cultura musical (editoras, indústria de disco, direitos autorais etc.). E quando o faz, desperdiça. O sistema internacional nos ensinou a desperdiçar, pois o desperdício parece ser a essência da reprodução tecnológica contemporânea.



Os monstros, porém, não são apenas externos. Internamente, e de forma mimética, implantou-se generalizadamente na América Latina, uma organização da vida social baseada na “civilização de empréstimo”, que perpetua uma acentuada desigualdade da distribuição de renda, benefícios e oportunidades. Os centros tecnológicos mais avançados catalisam investimentos maciços para a pesquisa através de sangrias vazadas também do terceiro mundo, enquanto a periferia recebe a incumbência de consumir o que pode, mas deve participar sem benefícios que não os individuais, da ciranda incessante da renovação tecnológica.

É mais que isso; a pesquisa é a razão de ser do sistema produtivo. O desenvolvimento tecnológico deve ser contínuo, ininterrupto. Isso exige superação constante de modelos, padrões e processos e consequente sucateamento da produção ultrapassada. O máximo de investimento é ainda insuficiente. Pode-se representar o que isso significa no campo da organização das atividades musicais:

A falência mundial dos socialismos intimidou a periferia do sistema-mundo diante da reinterpretação falaciosa generalizada pelo mundo capitalista. Da mesma forma com que em nossas cidades se exterminam menores indefesos em plena rua, de certa maneira, todos nós vivemos na rua, nos países do “terceiro mundo”...

O que deve mudar no diagnóstico e na conduta, diante de nossos problemas latino-americanos, é a postura mimética tradicional diante da “civilização tecnológica”. Urge assumir uma atitude crítica acérrima do que seja essa civilização que se denomina nova, libertária, eficiente, científica e redentora, só para os países centrais do sistema-mundo. Esse empréstimo de civilização tecnológica se consuma, ao mesmo tempo, sobre bases técnico-materiais e cultural-espirituais. Para fazer rodar o sistema, são requeridos dos grandes centros tecnológicos, vultosos recursos para a pesquisa. Não obstante sua capacidade imensa de acumulação de capitais, eles necessitam de toda a canalização mundial de recursos, inclusive e especialmente da periferia do sistema-mundo, enfim, da poupança mundial que lhes tem sido garantida até agora, pela desigualdade da distribuição da riqueza e pelo protecionismo comercial.

A comunidade mundial de fala hispano-portuguesa reúne em torno de 700 milhões de habitantes e, entretanto, estamos incompreensivelmente muito longe de viabilizar uma comunidade de mercado econômico e cultural. Enquanto o mundo todo se estrutura em grupos que se apoiam mutuamente, nós vivemos completamente isolados de nossos vizinhos, territoriais e linguísticos, enfrentando isolados os mesmos problemas de mercado, de produção, de consumo, de expansão e distribuição de nossas riquezas e de nossas pesquisas musicais. E praticamente sem barreira de língua. Essa condição precisa ser recomposta. Os laços institucionais da pesquisa musical precisam ser estabelecidos e implementados efetivamente por toda a comunidade ibero-afro-americana. Urge atribuir prioridade às ações de articulação estreita com as entidades de pesquisa e similares em toda a comunidade mundial



de fala hispano-portuguesa, de modo a minimizar as assimetrias de interação com organismos supostamente internacionais vinculados à música nos diversos âmbitos de pesquisa, criação, divulgação e acessibilidade de informação. Cabe a nós tirar a pesquisa musical e musicológica que desenvolvemos da periferia do sistema-mundo e trazê-la para os centros de decisão.



REFERÊNCIAS

- Almeida, Miguel Vale de (do ISCTE-Lisboa). “O Atlântico Pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso ‘lusófono’”. In: Cristiana Bastos et al (org). *Trânsitos Coloniais*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 27-43.
- Andrade, Mário de. “Evolução Social da Música no Brasil”, [1939]. In: *Aspectos da Música Brasileira*. Belo Horizonte, 1991.
- Arrighi, Giovanni. “Gobalization and Historical Macrossociology”. In Janet Abu-Lughod, ed., *Sociology for the Twenty-First Century: Continuities and Cutting Edges*. Chicago University Press 2000, p. 117-133.
- Canclini, Nestor. *Leitores, espectadores e internautas*. Rio de Janeiro: Gedisa, 2007.
- Carvalho, Mário Vieira de. *Razão e Sentimento na Comunicação Musical – Estudos sobre a Dialéctica do Iluminismo*. Lisboa: Relógio D’Agua, 1999.
- Duprat, Régis. “América Latina: Música, Abismo e Perspectivas”. In: *Anais do VI Encontro da Anppom*, Rio de Janeiro, 1993, p. 143-145.
- Harvey, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. [1989] São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- Harvey, David. “Globalization in question”. *Rethinking Marxism: A Journal of Economics, Culture & Society*, v. 8, n. 4, p. 1-17, 1995.
- Lyotard, Jean-Jacques. *La Condition postmoderne: Rapport sur le savoir*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.
- Thomaz, Omar Ribeiro. Tigres de papel: Gilberto Freyre, Portugal e os países africanos de língua oficial portuguesa. In: Bastos, Cristiana; Almeida, Miguel Vale de; Feldman-Bianco, Bela (orgs.). *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002, p. 39-64.
- Volpe, Maria Alice. “Utopia, ideology, crisis, and challenges”. *Art (UFBA)*, v. 13, Salvador, Sept. 2013, p. 24.
- Wallerstein, Immanuel. *O Universalismo Europeu: a retórica do poder*. [2006] São Paulo: Boitempo, 2007.



REGIS DUPRAT é Professor Titular Emérito da Universidade de São Paulo. Musicólogo e violista profissional, estudou Harmonia, Contraponto e Composição com George Olivier Toni e Claudio Santoro. Formado em História pela Universidade de São Paulo, cursou o Instituto de Musicologia da Sorbonne e o Conservatório de Paris. Doutorou-se em Musicologia, em 1966, pela Universidade de Brasília, onde lecionou. Autor de 20 livros, 20 CDs e cerca de 200 trabalhos publicados, incluindo edições musicológicas do Brasil colonial e imperial e da música popular brasileira do século XIX. Editor responsável pelo setor de musicologia histórica da *Enciclopédia da Música Brasileira*. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sócio benemérito da Sociedade Brasileira de Musicologia e membro eleito da Academia Brasileira de Música.

MARIA ALICE VOLPE é docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do Grupo de Pesquisa *Novas Musicologias* (PPGM-UFRJ), fundado em 2002. Dedicou-se à pesquisa da música brasileira do período colonial, séculos XIX e XX, bem como aos problemas teórico-conceituais e questões críticas da musicologia e das políticas científicas e culturais. Seus projetos têm recebido apoio do CNPq, CAPES, FAPESP, FAPERJ e Biblioteca Nacional. Doutora (PhD) em Musicologia/Etnomusicologia pela University of Texas-Austin, EUA (orientador: Gerard Béhague). Mestre em Música pela UNESP (orientador: Régis Duprat). Desde 1994 tem colaborado em publicações e congressos nacionais e internacionais. Prêmios: Steegman Foundation Grant for South-American Scholar (IMS 2007); Music & Letters Trust – Oxford University Press (2008). Fundadora e coordenadora do Simpósio Internacional de Musicologia da UFRJ. Desde 2010 é editora-chefe da *Revista Brasileira de Música*. Membro eleito da Academia Brasileira de Música.